



P = 115

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

PROC.-	115
LIV.-	01
FAG.-	56
REG.-	1788

Carimbo do S. C.

PL

PRATEIRA DOS MEUS AMORES"
- Peça Teatral -
de Jaime Wanderley -

Autuação

Anexos:

- 10 ANOS -

Distribuição

(Handwritten signature/initials)

1788/67

Peça Teatral -Opereta- ("PRAEIRA DOS MEUS AMORES")

de Jaime Wanderley

SERVIÇO NAC.DE TEATRO-UNIV.FED.DO RGN-BASE NAVAL DE NATAL

ATÉ 12 DE OUTUBRO DE 1968

12

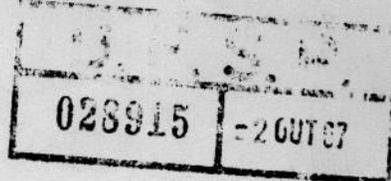
outubro

67

IMPROPRIO

ATÉ 10 ANOS


A. ROMERO LAGO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
POLÍCIA FEDERAL
 DEPARTAMENTO ~~FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA~~

Of.n. 401/67 - SDR/RN/SPS/TC

Em 19/09/67

Do Chefe da Seção de Polícia de Segurança SDR/RN
 Ao Chefe do Serviço de Censura Federal
 Assunto : Peça teatral (encaminha)

Com êste remetemos a V. Sa. um exemplar da Opereta em dois atos " PRAEIRA DOS MEUS AMÓRES", a fim de receber o Certificado de Censura dêsse S.C.D.P.

A referida peça será levada ao público, em estreia, em 20 de outubro vindouro, no Teatro ALBERTO MARANHÃO, nesta Capital.

Ao ensejo aproveitamos para reiterar a V. Sa. os // protestos de estima e consideração.

Heraclito
 Heraclito Carvalho da Silva

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI *sup 2/10* 1967 AS 15 HS.

ASS. *Alvares*

CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

1788

PES/nlf

AO Censor Souza
Leão para examinar
e emitir parecer.

Em 4/10/67
Maria R. Weitzel
Chefe da TCTE.

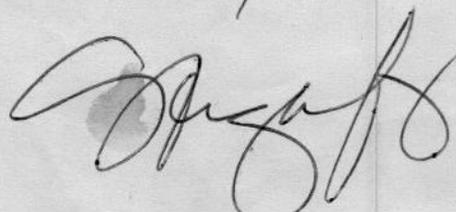
À Secção de Censura:
(T.C.T.C)

A peça em questão
conta a estória de
uma jovem facieira que
era ubicada por
um rico veranista.

Cenário: aglomerado
de mocambos à beira
mar - no litoral
brasileiro.

Sugerimos 10 anos.

Em 12/10/67



De ordem do Sr. Chefe do SCDP,
tendo em vista a remessa de apenas
um script da peça, foi devolvido o
mesmo para o Sr. Chefe da Seção de
Polícia da SDR-RN, com o respectivo
Certificado de Censura, impropriedade
de - 10 anos.

Numeradas e rubricadas as pági-
nas do script de 01 a 04 (Prólogo) ;
de 01 a 21 (1ª Parte) e de 01 a 19,
(2ª Parte).

Brasília, 16-10-67.

Observação: - Devolvido pelo ofício
nº 449/67-SCDP, de 16 de outubro de
1967.

Brasília, 16 - 10 - 67

Maria Reinalda Weitzel
Maria Reinalda Weitzel
Chefe da TCTE-SCDP

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 449/67-SCDP.

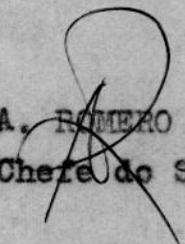
16 de outubro de 1967.

- : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
- : Chefe da Seção de Polícia de Segurança da SDR/RN
- : Scripts de peças teatrais (devolve)

Senhor Chefe,

Em virtude de já terem sido censurados os "scripts" das peças teatrais " Revista Natal ", de autoria de Sandoval Wanderley, liberada para maiores de 14 anos, e " Praeira dos Meus Amores ", de autoria de Jaime Wanderley, liberada para maiores de 10 anos, devolvemos anexo, os scripts das mesmas com os respectivos certificados de censura.

Valhemo-nos do ensejo para reiterar a V. Sª os nossos protestos de estima e consideração.


A. ROMERO LAGO
Chefe do SCDP.

Ilmo. Sr.

Heráclito Carvalho da Silva

DD. Chefe da Seção de Polícia de Segurança da SDR/RN

Natal - RGN

EP



1ª Via

RN

JH

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC-	115
LIV.-	02
PAG.-	50
REG.-	4764

PEÇA:

PRIMEIRA DOS MEUS AMORES

DISTRIBUIÇÃO

ENTRADA

13/03/72

DISTR. 13/03/72

1.a GEN. 12/10/67

2.a GEN. 20/03/72

CERT.-

SAIDA / /

TEMPO TRAM.

15 DIAS.

JAI ME DOS G. WANDERLEY

Natal, 5 de Março de 1972

13 MAR 1120 72

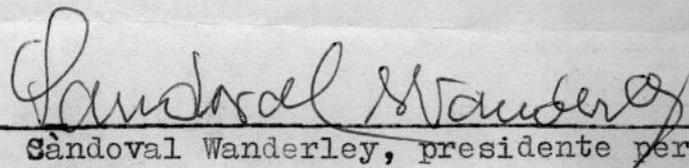
11710

Ao Sr. Chefe do SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÃO PÚBLICA.



SANDOVAL WANDERLEY, brasileiro, casado, presidente perpétuo do TEATRO DE AMADORES DE NATAL, residente á rua Professor Fontes Galvão, Cidade Alta, em Natal, Rio Grande do Norte, vem respeitosamente requerer a V.S. que se digne cehsurar a peça: PRAIEIRA DOS MEUS AMORES, de autoria de Jaime dos G. Wanderley, em 2 atos e 2 Quadros, que será exibida dias 7,8 e 9 de Abril do corrente ano, no teatro Alberto Maranhão.

Nestes termos,
P. deferimento.



Sandoval Wanderley, presidente perpétuo do TAN.

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, p.8

Affiliada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 135058

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: .. **PRAIEIRA DOS MEUS AMORES** ..

Original de **Jaime dos G. Wanderley**

Música de

Tradução de

No Teatro .. **Alberto Maranhão** Cidade .. **Natal**

Empresa Pela Cia. .. **Teatro de Amadores de Natal**

nos dias .. **7, 8 e 9 de Abril**

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de
.. **10%** .. da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$.. **75,60** por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

..... **Natal, 24 de Fevereiro** de 195. 2 ..

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

PRAIEIRA DOS MEUS AMORES



ALTA COMEDIA EM 2 ATOS E 2 QUADROS
ORIGINAL DE JAIME DOS G. WANDER-
LEY.

TEATRO DE AMADORES DE NATAL

Natal, Rio Grande do Norte.

1972



PRIMEIRO ATO

ALTA COMÉDIA EM 2 ATOS E 3 QUADROS, ORIGINAL DE JAIME DOS G. WANDERLEY.

PERSONAGENS:

BALTAZAR.

RITA.PEDRO CORÔ.BENVINDA.HOMEM-VERANISTA.VIOLONISTA.GASPAR.

Ao abrir o telão, VERANISTA entra cauteloso. Observa o ambiente, defrontando-se com o rancho onde mora BENVINDA. Conversa com êle, como se fosse vivo.

VERANISTA-

Velho rancho carinhoso e amigo, ninho morno de uma ave ainda mal implumada para a vida, mas um coração capaz de amar, de sentir, de querer bem. Em ti, na tua mudez, na tua humildade, na solidão da tua palhoça, no silêncio da tua pobreza, resignada, estão guardadas, como dentro de um sacrário, as minhas esperanças e as minhas ilusões... (Dirige-se ao F. como se fosse olhar o mar. Encontra-se com GASPAR que vem entrando).

GASPAR-

Olá, moço doutor! Quanta alegria em vê-lo! Novamente aqui na praia!

VERANISTA-

Ora, Gaspar, você não sabe que todos os anos essa é a minha penitência? Esta praia vive tão aproximada de mim, tão junto de mim, do meu coração, que o veraneio não me sai do pensamento.

GASPAR-

E nós gostamos muito do moço doutor, mesmo porque o senhor não se esquece da gente e nem deixa todos os anos de visitar a nossa praia.

VERANISTA-

Eu sempre tive uma predileção especial por esta praia. Ela é, entre todas as outras, a minha favorita. Desde muito moço



que veraneio aqui, na mais linda, mais aprazível, mais deliciosa praia que conheço. Esta praia parece até que tem feitiço para mim... (PEDRO CORÒ aparece desconfiado, sem ser presenciado).

PEDRO CORÒ-

Eu sei bem qual é o teu feitiço... (A um leve trejeito dos figurantes, foge espavorecido).

GASPAR-

Não é feitiço, moço doutor, é bem querer. Aqui, todo mundo o estima, respeita e lhe quer bem. O senhor aqui na praia, é tão querido que até parece uma pessoa da família da gente.

VERANISTA-

É uma prova de bondade do coração dêsse povo que não sabe / trair o seu sentimento.

GASPAR-

É que o moço doutor merece toda nossa consideração e amizade, pois sempre esteve conosco na tormenta e na bonança.

VERANISTA-

Bom, Gaspar, já falamos bastante de nós, agora devemos falar também um pouco sôbre os nossos amigos... Dê-me notícias de Sinhá Rita... Ela vai melhorada dos seus achaques? Quando saí daqui ela não estava gozando saúde.

GASPAR-

Sinhá Rita, moço doutor, é aquela mesma criatura bôa e amiga de todos nós, respeitada e querida dos pescadores e habitantes desta praia, e conselheira dos que precisam da ajuda da sua experiência e da bondade do seu coração. A sua saúde é pouca, mas vai vivendo como Deus é servido.

VERANISTA-

E Benvinda? Tão meiga, tão delicada, tão mimosa! Continúa no teu coração, não é?...

GASPAR-

Benvinda é uma santa. Continúa esperando por mim, que ainda não, pude me casar com ela. Mas logo que voltar da minha viagem, nos casaremos, se Deus quiser.

VERANISTA-

E você vai viajar?

GASPAR-

E o moço doutor ainda não sabe? Vamos ao Riode Janeiro, num bote de pescaria.

VERANISTA-

Que vão vocês fazer no Rio de Janeiro?

GASPAR-

Vamos levar o abraço dos pescadores do norte aos nossos irmãos da Guanabara.

VERANISTA-

Mas como vão vocês viajar, em bote de pescaria?! Santo Deus! Quentemeridade! E vocês têm esperança de chegar na Guanabara?

GASPAR-

Se Deus permitir e Nossa Senhora dos Navegantes nos ajudar, já fizemos todos os planos, estudámos a rota da jornada e



e tudo dará certo. Como o moço doutor sabe, não temos muita experiência do mar. E confiamos que ele, nosso amigo, como tem sido, não nos atraiçoará.

VERANISTA- E quando partirão para essa tresloucada aventura?

GASPAR- Se tudo for favorável, como esperamos, viajaremos amanhã pela madrugada, antes do quebrar da barra.

VERANISTA- Não que eu me metesse numa loucura dessa!

GASPAR- Pois nós vamos tentar e temos fé em Deus que voltaremos muito breve sãos e salvos, quando então me casarei com Benvinda que já está preparada de tudo, somente esperando a nossa volta, para completar a sua felicidade.

VERANISTA- Que você se case com Benvinda, acho muito bom, muito justo, muito acertado, porém que vá empreender uma viagem arriscada e tormentosa, como essa, eu acho muito perigoso e difícil de vocês conseguirem o triunfo que esperam.

GASPAR- Pois vamos esperar, moço doutor.

VERANISTA- Esperar por quem, Gaspar?

GASPAR- Esperar que Deus nos ajude e abençoe a nossa jornada, e que nós possamos mostrar aos nossos irmãos do sul, o valor e a bravura do homem destemido e heroico, do nordeste.

VERANISTA- Ora, meu amigo, ninguém vive de esperanças. Esperança é uma ilusão. É uma maneira fácil de enganar os tólos e de confortar os desenganados.

GASPAR- Pois moço doutor, eu confio muito nos favores da esperança, mesmo porque, Sinhá Rita, nos seus conselhos, diz sempre: Nada como a gente esperar, porque a esperança, é a última / que morre.

GASPAR- Olhe, moço doutor, aí vêm chegando os meus companheiros de viagem, Estão amarrando o bote. Vamos até lá?

VERANISTA- Por que não? Quero também abraça-los antes da partida e desejar-lhes boa viagem.

A CENA ESCURECE, AO VOLTAR A LUZ ENTRA PELA PLATEIA UMA SERENATA, DIRIGINDO-SE AO PALCO, NA QUAL É ENTOADA A "CANÇÃO DO PESCADOR"

VOZ:-

Praieira dos meus amores,



Encanto do meu olhar,
 Quero contar-te os rigores
 Sofridos a pensar
 Em tí, sôbre o alto mar.
 Ai, não sabes que saudades,
 Padece o nauta a partir,
 Deixando na imensidade,
 O seu batel fugir,
 Incerto do porvir.

Praieira dos meus pecados,
 Morena flor não te escondas,
 Quero ao sussurro das ondas
 Do Potengi amado
 Viver sempre ao teu lado
 Depois de haver dominado
 O mar profundo a bravio
 Á margem verde do rio,
 Serei teu pescador,
 ò pérola do amor.

RITA-

(Que tem escutada a canção, com o pensamento voltado para a partida dos pescadores).Praieira dos meus amores...Encanto do meu olhar...Parece que estou vendo quando êles / partiram. O barco todo embandeirado. A praia coalhada de gente. Benvinda mordenno os beiços, mastigando um solhoço. Gaspar rompeu o canto. Os outros acompanharam. O barco foi diminuindo...diminuindo...até se misturar com o nada, onde termina o mar e começa o céu. Ai, Benvinda soltou o / chôro, desafogou a saudade que começava a tomar conta dela...(Para Baltazar-Você melhorou, Baltazar?

BALTAZAR-

Cada dia que se passa vou ficando pior. Saúde de velho é que nem gangorra, sobe uma ponta e arreia a outra. A gente vai vivendo embolando até Deus chamar. (Outro tom)- Meu Gaspar não devia tê ido nessa viagem. Saí daqui pro sul, barquinho daquele...

RITA-

Gaspar é o melhor navegador desta praia, Baltazar.

BALTAZAR-

Sei disso, Sinhá Rita. Tem a quem puxar. Deixasse essa aven-



- tura prós outros que não tem pai nem mãe doentes prá espiá
 Desde que se foi, fiquei como um morto... estou só maginando
 do...
- RITA - Prá que deixou ele ir, mestre Baltazar? Era só não ter de*u*
 xado.
- BALTAZAR- Homem é homem. Mas a amizade que eu tenho aquele menino...
 é tão grande, que eu nunca mais tive descansovdepois da
 ida dele. Se é a pobre velha, nem comer direito mais come.
- RITA - Que velha?
- BALTAZAR - A mãe dele. Quem já é fraca como ela... Está amorrinhada
 que nem pode dormir.
- RITA - Isso é mais da idade, Baltazar. Eu sei que voces tem razão
 com esse cuidado, mas devia ter de menos. Voce deve se
 lembrar de que coraçao de velho é como parede de taipa.
 Não aguenta prego não. Sé é alegria, ofende.. Se é tristeza
 amofina.
- BALTAZAR- Voce fala de velho e esquece que Benvinda. É novinha, mas
 está sofrendo mais do que agente. Gosto dela, como se fosse
 minha filha. Em parte é quem me faz esquecer a falta de Gas
 par. Coitada, já nem mais sabe sorri. É de cabeça arriada,
 suspirando de minuto a minuto... Quando começa a cantar,
 não termina. Cai num pranto sentido... Vove pensando beste*ir*
 ra. Disse que sabe que não ver mais Gaspar. Que ele é capaz
 de morrer na costa da Bahia. Foram dizer a ela que o mar /
 prá aquelas bandas levanta ondas de três quatro metros...
 Sabe de uma coisa, sinhá Rita? ... Eu acho que quem vai
 acabar morrendo é ela.
- RITA - Deus me livre de uma desgraça dessas... Onde será que ela
 está Baltazar? Faz mais de uma hora que saiu de casa.
- BALTAZAR- Deve estar pela beira da praia, conversando sozinha, ris-
 cando a praia com os pés, ou cantando modinhas prá ondas
 escutar...
- RITA - É isso mesmo, gente nova... negocio de amor... A jornada é
 perigosa e o mês é de tormenta.
- BALTAZAR- O vento da costa está de fazer medo.
- RITA - Mas os meninos conhecem muito bem o mar e todos levaram no
 pescoso a oração de Nossa Senhora de Montecerrante para /
 aplacar a tempestade.
- BALTAZAR- O perigo é perderem o rumo... De noite tem as estrelas e a
 mancha do sul, se o ceu tiver coberto. De dia podem costear
 mais. Não... que eles chegam, eu sei que chegam.
- RITA - Deus seja prometido.
- BALTAZAR- É tudo limpo. Lá uma outra jangada passa. Sei lá se pelas
 bandas onde já vão, está assim tambem? Devem ir muito lon*g*
 ge... O barco é ligeiro.
- RITA - Hoje saíram poucas embarcações prá pesca. Tambem que adian*ta*
 ta, as jangadas levantaram o tauaçu e não tiram nada...
 O peixe, se trazem, não dá nem prá janta... Deve ser esse
 vento.



- BALTAZAR - É... êsse sudoeste soprando é malvado mesmo.
- RITA - Voce é quem sabe... pescaria prá o mestre Baltazar, não tem segredo.
- BALTAZAR - Como voce conhecem seus bilros., Rita. Cada macaco no seu galho.
- RITA - Lá isso é uma verdade. Que dia é hoje?
- BALTAZAR - Sexta-feira.
- RITA - Xiii, a segunda sexta-feira do mês.
- BALTAZAR - Fizeram bem os que não foram pró mar.
- RITA - Dia de mau agouro prá pescador.
- BALTAZAR - Lembra-se do destino do filho de Joaquim Rôxo? Quebrou os preceitos, teimou com todo mundo, desafiou as leis de Deus, botou a embarcação nágua, numa sexta-feira e logo dia de São Pedro, Nosso Padroeiro, e o resultado é que por lá mesmo ficou... não voltou mais, nunca mais.
- RITA - Nunca mais.
- BALTAZAR - Nunca mais.
- RITA - Nunca mais.
- BALTAZAR - Com as coisas do ceu não se deve brincar. Respeito muito... respeito muito.
- RITA - Tinha o gênio muito avexado e vexame é doença.
- BALTAZAR - No caso dele não foi doença, não, foi morte.
- RITA - Eu tenho pena dele.
- BALTAZAR - Voce tendo sozinha, não adianta. Nosso Senhor que tenha tam bem pena da alma dele... que guarde ele lá por muito tempo, longe de nós.
- RITA - Amém. Ele era a alegria das moças e a graça dos velhos... Gostava dum samba?
- BALTAZAR - Sinhá Rita, que é que voce acha desse pilintra veranista que todo ano bem aqui?
- RITA - Que pilintra, mestre Baltazar?
- BALTAZAR - Esse doudorzinho que no ano passado carregou a filha de Zé da Barra, prometendo mundos e fundos, e depois deixou ela a na rua...
- RITA - Sabe de uma coisa? Baltazar? essa historia está furada... não acredito que ele seja capaz duma desgraça dessa. Depois ele é moço tão caridoso...
- BALTAZAR - Pode ser que ele não seja má pessoa, porem...
- RITA - Toda tarde ele aparece aqui prá conversar, brincar com agente. Conta historia. Convida Benvinda prá conhecer a cidade, mais nunca se mostrou nem uma pontinha de maldade sequer. Nunca faltou com o respeito aqui em casa.
- BALTAZAR - Mas com a filha do Zé da Barra...
- RITA - Não é porque eu esteja me metendo na vida alheia, não, mas tambem falar a verdade, do jeito que ela vivia se sacudindo prá todo mundo, um dia havia de encontrar... quem procura, acha.
- BALTAZAR - Mas ele não devia ter se aproveitado. Ela é uma ignorante, uma doida, ele é homem formado, rico, não é direito abusar das fraquezas dos outros.
- RITA - Ora Baltazar, qual o cachorro que não agarra o ôsso atirado a ele?
- BALTAZAR - Cachorro não é gente, Rita. O que parece que ele é, é isso que voce disse - um cachorro. Sabe de uma coisa? Pois não ando muito satisfeito com êsse cidadão. Estou com uma pulga atrás da orelha.
- RITA - Que razão tem voce prá desgostar do moço?

- BALTAZAR - Por essas coisas mesmo.. Boa intenção aqui na praia, ele não tem não. Uma coisa me diz que esse camarada tem um mau prá me fazer.
- RITA - Está pensando errado, Baltazar. Um homem velho deve pensar melhor.
- BALTAZAR - Quer que eu lhe diga mais? Pois eu acho que ele tem uns / caimentos prá bandas de Benvinda.
- RITA - Virgem Maria.
- BALTAZAR - Virgem Maria?
- RITA - Estás desconfiando de minha Benvinda?
- BALTAZAR - Eu sei que ela não é moça dessa coisas não. Mas o povo já está falando.
- RITA - Que miséria já estão dizendo contra a inocente?
- BALTAZAR - Contra ela, não. Mas juram por aí que ele está querendo se inxiri com ela. E voce deve abrir os olhos. A cara dele não de de quem preste, não.
- RITA - Isso é infâmia. Confio na minha Benvinda. O amor que ela tem por Gaspar não é coisa que se apaga com uma lufada de vento não. Ela nunca será falsa a quem resolveu dar seu coração. Para isto não esconde tristeza desde a hora da partida dos meninos .
- BALTAZAR - Voce nasceu e se criou aqui, Sinhá Rita. Está acostumado com a maldade dos praeiros. Gente pobre é uma irmandade. Todos se querem e se respeitam como irmãos. Isto aqui, Rita é uma família grande. Mas esse povo importante tem outro pensar. Nós somos sempre o motivo dos seus caprichos. Melhor previnir do que remediar.
- RITA - Eu já tenho idade bastante prá conhecer a vida, mestre Baltazar.
- BALTAZAR - Por isso mesmo deve saber que "agua mole em pedra dura tanto bate até que fura." Ele peleja... peleja... Começa trazendo uma lembrança prá mãe, um denginho prá filha vai fazendo amizade, adquirindo confiança, até desmantelar o juizo da menina. É preciso cuidado, Rita, muito cuidado.
- RITA - Está muito bem, Baltazar. A água pode furar a pedra de / quem quizer, mas a minha Benvinda é de confiança. É menina nova, mas sabe se comportar. Além de tudo Gaspar não deixou brexa prá ninguem mais entrar no seu coração. E depois o moço nem procura ela, gosta mais de conversar comigo.
- BALTAZAR - Sabedoria dele. Prá ninguem desconfiar. Mas já estão falando.
- RITA - Estão falando, o que?
- BALTAZAR - Eu já lhe disse. É esse zumzum vem me azucrinando, Sinha Rita, esse doutor está mal intencionado com a menina. Ele é esperto, mas percador não dorme. Pior do que as malandragens dele é a dos peixes. E a gente tira eles prá fora d'água.
- RITA - Onde voce ouviu falar essas coisas, Baltazar?
- BALTAZAR - Onde ouvi? Na mesa do jôgo, na bodega, por todo canto.
- RITA - E quem lhe contou semelhante mentira?
- BALTAZAR - Chico Pinga Fôgo. Chegou a dizer que todo ano era prá ele levar uma. Agora ia ser a noiva de Gaspar.
- RITA - Aquele miseravel teve coragem de dizer isso? Aquilo com licença da má palavra, é um filho duma água.
- BALTAZAR - Eu estava enconstado na porta do lado de fora e ele não me via, Sinha Rita. quando escutei a pilhéria o sangue subiu todinho prá cabeça e o chao fugiu dos pés, quis respirar e não tinha folego. Queria sair, vir embora, mais a minha vontade era entrar e rebentar Pinga Fôgo de pau,.



- RITA- Aquilo é tão ruim que não tem quem pague por ele. O desgraçado é sosinho, no mundo. Chico Pinga Fogo ainda há de me pagar essa calúnia. Deus está vendo. Não escureço o que você disse sobre esse povo rico. O coração dele é uma noia de dinheiro. O sangue das veias é um cifrão. Com a fortuna, pensam em comprar tudo. Roupas, luxo pra dentro de casa, emprego no governo, consciência e até inocência. Mas o doutor não é um homem ruim, como ele pensa. Tenho certeza disso. O que aconteceu com a filha de Zé da Barra foi coisa da sorte. Com o destino ninguém pode.
- BALTAZAR- O que aconteceu com ela, Rita, acontece todo dia, eu bem sei. Mas se podendo evitar é que é o certo.
- RITA- Quantas moças ricas também não se desgraçaram por aí!
- BALTAZAR- Mas o dinheiro tapa tudo. Esconde tudo. (Vozeria fóra) Quem é besta para dizer nada? Mas o pobre arranja logo um apelido de rapariga e ninguém perdôanão. Se avexe não, Rita, Isso na certa é Pedro Coró. Está perdidosinho... o pai já nem fala mais. Cansou de ter tanto desgosto. Deixou de mão.
- RITA- Anda por aí ao Deus dará, fazendo o que não presta.
- BALTAZAR- É o galo de briga, aqui da praia. Mentiroso, mexiriqueiro, beberrão, insultador. Não tem quem aguente.
- RITA- Ainda não faz uma semana, andou enrolado com a policia./ Destino de valetão é ser preso ou morrer. Os meninos estavam estendendo o tresmalho no gancho, ele apareceu e começou a inticar. Chamaram a atenção. Ele se meteu pro lado deles. Ninguém está pronto para engulir desafôro... (Vozeria). Chi, Sinhá Rita! É um cardume em cima dele... Dessa vez ele vai pagar o fumo de Felix...
- RITA- Vai acudir aquele pobre diabo, Baltazar!
- BALTAZAR- Deus me livre! Vou lá me meter em encrenca alheia!... Ele que saia dos seus labirintos....
- RITA- Vai, Baltazar. Um pedido teu, o povo atende. Eles te dão muito ouvido.
- BALTAZAR- Precisa não. Deixaram de mão. Ele já vem aí.
- PEDRO- (entrando)- Mentiroso é você, seu magote de cachorros!. Bando de sem-vergonhas!..
- RITA- Que é isso, menino. Tenha juízo...



teu pai que está se acabando antes de tempo, por causa dessas tuas safadesas.

PEDRO- É não, Sinhá Rita. Foi Bento que me chamou de mentiroso

BALTAZAR- E tú estavas falando a verdade? Tú nunca falou a verdade...

PEDRO- Por que êle não veio sosinho? Vem de ruma. Precisa de cinco. Quería que êle viesse só, pra eu mostrar a êle o que é homem!

BALTAZAR- Você é mesmo atrapalhado...Fale a verdade, é mais bonito. / Crie vergonha na cara!

RITA- É, Pedro, você largasse essa mania de mentir tanto, estava livre dessas coisas.

PEDRO- Juro que não estava mentindo. A história que eu contei, sucedeu com meu tio.

RITA- Que história é essa, Pedro?

PEDRO- Sinhá Rita não ouviu a história do bagre espiritado pescado / por meu tio, a semana passada?

RITA- Oví falar. Mas não acho ela muito certa, não. Isso é invenção de quem não tem o que fazer. Nem acredito neuta, nem em muitas outras que contaram por aí.

BALTAZAR- Em todo canto existe histórias. No sertão se fala de onças, de visagens de burro com metade de gente. Aqui, as histórias são de peixe de mãe-dagua. E muitas delas foram contadas pelos antigos. O povo daquele tempo só afirmava uma coisa / quando era verdade. Agora, história contada por êsse camarada, é que não merece crença.

PEDRO- Pois eu conto. O tio Jovino, foi pescar na maré vazante. A praia estava arregaçada e a jangada custou a correr nos rolos. Tio Jovino amarrou a escoja, ajustou a molina, amarrrou o samburá nos espregues do banco da vela e lá se foi marção a fóra. Andou por todas as comidas. A pesca não aparecia. Lá para as tantas, o peixe biliscou. O bicho era arisco. A linha esticou. Estava ferrado. Era um bagre branco.

RITA Um bagre branco?

PEDRO- Sim. Meu tio puxou a linha. O bicho estribuxava sem querer sair. Tinha a força de uma lixa de quinze quilos. Até na jangada deu trabalho para arrancar o ferro. Sacudiu o bicho no samburá.



RITA
PEDRO-

Sim, e depois?
Já era detardesinha...quasi de noite...Tio Jovino fez rumo pra terra. De longe avistou omfarô. Terra alta. Nunca demorou tanto pra fazer a volta. Quanto mais andava, mais a terra era longe.

BALTAZAR-
PEDRO-

Deixa de arroteio, chega logo ao fim da história.
Pois bem, com muito custo, chegou. Quando meu tio já está em casa, com uma fome bexiguenta, mandou buscar o peixe pra botar no fogo. Consinharam o bicho em cinco fervuras. Aí, foram fazer o pirão. Na hora em que destamparam a panela, o bagre meteu os pés de dentro do caldo quente, deu um vôu até a praia e... tibungue, nágua, de novo. Foi-se embora, até hoje. Todo mundo diz que o bagre era ispiritado.

BALTAZAR-
RITA-

Deus te proteja, meu filho. Vom essa eu vou andando....
Pedro, toma juízo! Não conta nunca uma história dessa!
/Quem não fala a verdade, não tem razão, nunca!

PEDRO-
RITA-

Mas, Sinha Rita...
Está bem, Pedro. Você não se emenda nunca! Vamos lá dentro que eu quero mandar uma encomenda pra sua mãe. (saem)
(Benvinda entra, de casa. Dá alguns passos. Veranista ENTRA DE OUTRA PARTE. Observa-a, sem ser visto).

VERANISTA-

(á parte)- Que linda silhueta...Comparavel a uma figura de Terra Cota ou de Tanagra... Deve haver um misterio na sua vida...Anda com se estivesse sempre sonhando...Essas praianas...essas praianas!... Há sempre uma lenda de amor envolvendo os seus corações...O mar é a sepultura de suas queixas, o banco de suas lágrimas...Creio que devo desperta-la dêsse devaneio...Por que não?...(Chama)- Benvinda!

BENVINDA

(assustando-se): Oh, que susto, Doutor! Não sabia que estava aí.

VERANISTA-
BENVINDA

Benvinda, você sofre, meu bem?
Porque pergunta?

VERANISTA-

Gostaria de saber...Quem sabe se eu não repartiria comigo as suas máguas...Dor repartida traumatiza menos. Às vezes, uma jovem como você, se dedica assim, totalmente a um homem e... é provavel que êle não a quer,



- não a corresponde...escarnece dos seus sentimentos.
- BENVINDA- Não!
- VERANISTA- Quem sabe?
- BENVINDA- Ainda que fôsse, quem poderia dar geito? Coração só sabe querer a quem já se deu...As mulheres da pria trazem uma sina: amar. Amarde verdade.Olhar para o mundo desempedi-do, largo, imenso, e descobrir um ponto qualquer, um sinal qualquer, indicando a vinda do seu pescador.
- VERANISTA- E se êsse pescador não voltasse?..
- BENVINDA- Seria a morte em vida. A dolorosa morte...
- VERANISTA- Benvinda, você acha que êsse pescador lhe ama?
- BENVINDA- Acho que sim!
- VERANISTA- Tanto quanto vofê a êle?
- BENVINDA- Não sei...
- VERANISTA- Você seria capaz de irp para um outro lugar, uma outra / praia qualquer, deixando-o aqui, sosinho á sua espera?
- BENVINDA- Nunca!
- VERANISTA- Mas êle lhe deixou, não foi, Benvinda? Deixou para uma / aventura sem proveito. Por um passeio fútil. Benvinda, / êsse moçônio merece o amor que você dá a êle. Você é mui-to nova, ainda. Os seus hábitos, a sua educação limitada lhe fiseram ainda crédula, inocente, incapaz de atribuir uma maldade. Maldade dos homens, Benvinda. Você é pura co-mo um anjo. Nenhuma sereia tem tantos encantos, como você. A mãe dágua invejaria sua graça.Precisa reagir contra essa tristeza tôla. Contra êsse sofrimeno que tanto a tortura. Você poderá ser ainda muito feliz e venturosa. Êsse pesca-dor não merece seu amor...
- BENVINDA- Quanto ao meu Gaspar, eu me julgo muito venturosa.
- VERANISTA- Você não conhece a vida. Limitou-se nesta praia. Vendo di-ariamente as mesmas caras, escutandando as mesmas queixas. Você nunca viu uma cidade onde há civilização, palacios, / luzes, luxo, riqueza, perfumes e cores. Onde tudo é novi-dade, deslumbramento, é viver...viver, Benvinda!..
- BENVINDA- Chega!...Aqui nessas choupanãs, há pobreza, humildade. Não há êsses encantos de que fala o senhor, mas há o verdadei-ro amor!
- VERANISTA- Tolinha...Êsse amor verdadeiro de que fal_{as}, nada é mais



do que a marca de preconceitos. Dessa segunda vida que fazemos criar dentro de nós, para nos tirar o direito da felicidade. É uma escravidão voluntária, uma oferenda insensata do nosso corpo e da nossa alma. Sacrifício da liberdade. Vê a amplidão. Contempla o horizonte. Compara / a sua grandeza em relação à nossa pequenez. Vem comigo e eu te mostrarei a civilização, alguma coisa tão grande / como o espaço. Tão poderosa que chega ter forças para / arrebentar os preconceitos. Ié, cada um é dono de sua vida, e ninguém é objeto de propriedade. Vem ver com os // próprio olhos, a liberdade em forma concreta.

BENVINDA-

(Gritando)- Não! Não quero crer nessa liberdade! Ela // não me serve. Quero ter alguém que me oriente os passos e as ações. Sou insegura como uma criança, preciso de / alguém mais forte que me ajude a fazer as travessias / perigosas...

VERANISTA-

Ninguém melhor do que eu...

BENVINDA-

Ninguém melhor do que meu Gaspar. O melhor navegador // desta praia.

VERANISTA-

Escuta, meu amor. Serias capaz, rainha de um lar que te daria. Um lar decente, condizente com a tua beleza. Criados à tua disposição, carro para os teus passeios. Vestidos de fazer inveja às princesas orientais. Sê minha e tudo te será dado. Tenho meios para isto...

BENVINDA-

Jamais! De que me serviriam todos estes encantos de palácios das histórias de Trancoso, se não pudesse mais / sentir sob os pés, esta areia macia que me viu criança. Sem esse mar mandando-me conchas para brinquedo. Levando Gaspar e me trazendo depois. Estas palmeiras de manhasinha, açulando-me o despertar... Não, essas coisas fazem parte da minha vida. São pedaços do meu ser.

VERANISTA-

Essas coisas são apenas tolices!

BENVINDA-

Tolice que represes que representam fidelidade ao meu amor.

VERANISTA:

A civilização te ensinaria como é falsa essa fidelidade

BENVINDA-

O mar enche e esvazia diariamente. Essa constância ensinou-me a ser constante.



- VERANISTA - Renuncias a minha proposta?
- BENVINDA - Sim.
- VERANISTA - Preferes êssês sofrimento acumbrunhador?
- BENVINDA - Sendo fiel à minha vontade, êsse sofrimento é doce. Minha tristeza vale por minha felicidade. Minhas amarguras são por uma causa justa e limpa. Por isso estou em paz com o que sofro.
- VERANISTA - Amote-te Benvinda. Que queres de mim, fala e terás tudo o que quizeres.
- BENVINDA - Afaste-se senhor. Nada quero nem lhe peço. Meu único desejo é que não volte mais a falar desta maneira.
- VERANISTA - Porque me lencas essa proibição?
- BENVINDA - Já lhe disse. Meu coração está comprometido. Somente aquele a quem o entreguei. Da-me prazer ouvi-lo falar assim.
- VENABISTA - Aí vem gente... Pensa no que te propuz, Benvinda. É uma oportunidade como poucas.
- BENVINDA - Fuja moço doutor. Fuja para não ser encontrado aqui, porque é perigoso.
- VERANISTA - Fugir, deixando-se sozinha nesta solidão, é covardia.
- BENVINDA - Pode fugir que eu não ficarei sozinha.
- VERANISTA - Como não ficaras tão sozinha?
- BENVINDA - Porque em toda parte onde me encontrar, estarei sempre acompanhada e defendida pelo amor do meu pescador.

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

- RITA- (entrando). Baltazar está sentado. Senta-te, ajeita a almofada) Tá triste, mestre Baltazar?
- BALTAZAR- Tava pensando, Sinhá Rita. Tava pensando.
- RITA- Pensando em que, minha gente?
- BALTAZAR- Esqueci a toada dos meninos...tava me lembrando. De repente a gente se muda para os tempos bons...O tempo da gente moço. Quando se tem a vida todinha, pela frente. Só se pensa em que nunca se consegue ser...
- RITA- Depois da ida do menino você anda dizendo coisas que ninguém entende...
- GASPAR- Ninguém entende a vida, Rita. Depois que lá vai crescendo na carcassa, nem mesmo o que queremos entendemos mais...
- RITA- Você deve é deixar de pensar em que não deve...Lembre-se / da saúde, das frquezas do corpo de velho...
- BALTAZAR- Sinhá Rita, quando eu era rapazinho, achava engraçado se / falar em saudade. Para mim, saudade era cavilação. Saudade...Agora, no fim da jornada, cansado das andanças, tem-se saudade até de nada...
- RITA- Deixe dessa mania de fim de jornada.. Fim coisa nenhuma... Tenho visto muita gente passar dos cem. Também vi muitos / não chegarem nem aos vinte. Isso de fim, quem sabe é Deus.
- BALTAZAR- Lé isso também sei...mas o certo, o que está mais perto da morte são os velhos. Um moço morrer é uma raridade.
- RITA- Ah, Baltazar, estás ficando mufino. Nem parece aquêle...
- PEDRO- (entrando)- Tá tudo perdido! Tá tudo perdido! Acabou-se tudo!
- BALTAZAR Lé vem o estafêta da mentira.
- RITA- Acabou-se o quê, Pedro?
- BENVINDAZ- (Entrando)- O que foi, mãe?
- PEDRO- Vim agorinha da bodega de seu Juca. Ele chegou neste instante da cidade e troxe noticias dos pescadores.
- BENVINDA- Aí, meu Deus!...
- BALTAZAR- Que noticia é esta, satanaz de rabo?
- PEDRO- Ele diz o que os jornais da cidade tão tudo dizendo:-que o bote de Gaspar, quando ia, pegou um pampeiro, um pedaço de mar arregaçado, perto de um parracho e afundou, perdendo~s

- tudo... Não escapou ninguém pra contar a história... R. F.
- RITA- Nossa Senhora!
- BENVINDA- Ai, meu Deus! Acabou-se o meu Gaspar!... Mãe, estou sentindo uma gastura... Ai, meu Deus, eu bem que pressentia desgraça! Meu Gaspar! Meu Gaspar!...
- BALTAZAR- Pedro, tú tens inventado muita história aqui na praia e no fim, a coisa sai certa. Mas se essa for mentira, tú escaparás. Vou lá na bodega do Juca.
- RITA- Tenha calma, minha filha. Isso é mais uma mentira de Pedro.
- BENVINDA- É não, mãe, eu sei que é verdade. Meu Deus! Meu Deus!
- PEDRO- Seu Baltazar, êle até mandou uma carta para o senhor.
- BALTAZAR- Cadê a carta?
- PEDRO- Está aqui. (entrega a carta).
- BALTAZAR- (nervoso)- " A sua benção e a de mamãe. As rezas d'ela e as de Sinhá Rita, chegaram a Deus e nós estamos em paz. Estamos aqui no Rio de Janeiro, faz uma semana. Parece que faz um ano. Têm agrado muito a gente, mas eu já estou doendo pra voltar. Sinto falta da vida da praia e tenho me preocupado com o senhor e mamãe. Não esqueço a minha Benvidanem um minuto. Com mais dois dias viajaremos para aí. Que Deus encurte o caminho de retorno, pra abraçar todos, mais deoressa. Do seu filho, GASPAR".
- BENVINDA- É não, mãe. Baltazar disse aquilo pra me enganar. A história é de Pedro, mesmo.
- BALTAZAR- Aqui está a carta, minha filha.
- RITA- Menina, Baltazar não é homem para inventar mentiras!
- BALTAZAR- (Para Pedro)- Gôta serena, tú agora justarás contas comigo! (Pedro corre. Baltazar persegue seguido por Rita).
- VERANISTA- (Entra cautelosamente). Que linda está! Esse ar melancólico lhe assenta extraordinariamente! Hei de leva-la comigo... Usarei todos os artificios... Toda minha habilidade... Srá minha, custe o que custar!...
- BENVINDA- (Dando pela sua presença)-
- RITA- (Entrando)- Bom dia, moço doutor.
- VERANISTA- Bom dia, Dona Rita. Vai bem?
- RITA- Como Deus é servido, moço doutor.
- VERANISTA- Dona Rita não dispensa os seus bilros, hein?
- RITA- É verdae, doutor. É uma distração. Escuta-se o tinido dos



- bilros. Vê-se uns saltando sobre os outros, sambando nos /
dedos da gente e a renda aparecendo no cartão, alvinha...
Chege a se querer bem ao trabalho, doutor.
- VERANISTA- Depois de pronta a senhora vende essa renda?
- RITA- / Não, doutor. É pra enfeitar o enxoval de Benvinda. Desde /
novinha, que as coisinh, s que eu faço nesta almofada, é só
pensando em ser pra ela.
- VERANISTA- (Olhando a renda)- Que perfeição de trabalho! Parece feita
em máquina!
- RITA- E não é tão bem feita como no tempo em que tinha a vista /
boa.
- VERANISTA- Esta aqui, por exêmplo, é de uma delicadeza admiravel!
- RITA- Foi uma amostra que eu tirei da camisa do batizado dela.
- VERANISTA- Ah, é? Por isso se parece com a dona. (intencional).
- RITA- Foi um dia grande, doutor, o dia do batizado de Benvinda.
Esse terreiro aqui, ficou durinho, de gente. Juntou-se mo-
ços e velhos. Mandaram um tocador da Ponta Negra e a festa
só parou com sol alto, dia seguinte.
- VERANISTA- Nem parece ter se batizado com tanta alegria...para viver
assim tão triste...
- RITA- Ela pediu pra enfeitar o vestido de noiva, com a mesma ren-
da do batizado.
- BENVINDA- Quem sabe se não sirvirá também para enfeitar a mortalha!.
- RITA- Lá vem. Essa menina tem uns algouros., que eu nunca ví.
- VERANISTA- Dona Rita, Benvinda é uma moça muito fina, muito sensível.
Merecia melhor coisa do que a monotonia desta praia. Se el
gizesse dar um passeio na cidade, garanto que voltaria out
tra!
- RITA- Eu acho que o senhor está certo. Com outra pessoa, não, mas
mas com o senhor eu deixava. Tenho certeza que na sua com-
panhia, ela estava tão bem como na minha.
- VERANISTA- Obrigado, dona Rita, pela confiança.
- RITA- Quer ir, Benvinda? (Benvinda olha para ambos, aborrecida e
se retira calada) É assim, doutor. Às vezes essa menina é /
tão arisca...
- VERANISTA- Não se importe, dona Rita. Isso são arroubos da juventude.
e caturrices de mulhervbonita. E o noivo dela?



- TITA- Já vem voltando. Quando escreveu disse regressar dentro de dois dias. Já deve está perto. A carta chegou hoje e faz 15 dias que foi escrita.
- VERANISTA- (á parte)- Teno de agir depressa. (á Rita)- Ele falou nela, na carta?
- RITA- Disse que estava contando os minutos pra revê-la. O menino godta mesmo de Benvinda...
- BALTAZAR (Entra apressado, notando a presença de Veranista, pára, não escondendo surpresa, indignado)- Bom dia.
- VERANISTA- Bom dia. (nota o desapontamento de Baltazar)- Bem, dona Rita, já vou indo. Dê lembranças á sua filha.
- RITA- Obrigada, doutor.
- VERANISTA- Até logo, senhor Baltazar. (sae).
- BALTAZAR (Não responde)- êssevai ser o segundo...
- RITA- Segundo de quê, Baltazar?
- BALTAZAR- O primeiro, foi Pedro. Já dei a êle o café que estava precisando tomar...
- RITA- Que andam fazendo com Pedro?
- BALTAZAR- /Dei-lhe uma surra de corda que nunca mais êle anda com mentira.
- RITA- Você já é pai dêle, mestre Baltazar?
- BALTAZAR- O pai dêle não tem forças para govera-lo. Cria como um bicho, solto pelo mundo, fazendo o que quer, Então o mundo / tem o direito de castigar.
- BENVINDA- (fóra)- Mãe, mãe, venha cá, depressa!
- RITA- O que será, meu Deus!..(sae apressada).
- BALTAZAR- (só)- Mas se eu pegar êsse cafageste, desmancho no cachaco dêle um porrête de matar cação!
- RITA- (entrando)- Baltazar, acode aqui, depressa qu Benvinda deu uma coisa!..(Sai correndo e entra na plalhoça).

AS LUZES SE ABA GAM.

QUADRO.

Ao se fazer luz, BENVINDA, (digo), BALTAZAR está sentado no terreiro.

- RITA- (entra)- Está melhor qualquer coisa, mas é fraca que é um horror! Não quiz comer nada. Dei aos tiquinhos. Sonha dizendo herésias. Passou anoite exclamando: -"Chega logo, Gaspar!



enterrada com o vestido de noiva.

BALTAZAR- O medico diz que é delirio da febre.

RITA- Como foi o nome do mal de Benvinda, que o doutor disse;?

BALTAZAR- Traumatismo. Foi o choque que ela teve com a noticia de Pedro. Ele teve muita sorte, porque se Benvinda tivesse ido pro céu, eu mandava ele pro inferno!

RITA- É muito ruim aquêle cabrocha!...

BALTAZAR- Sinhá Rita, você se prepare, porque antes dos meninos / chegarem, nesta praia, vai ter novidade!...

RITA- Que novidade é essa, Baltazar?

BALTAZAR- É esse janota que anda aqui asserando Benvinda... esse doutorsinho!...

RITA- Deixa de mania, home. Que pecado tem esse pobre?

BALTAZAR- Gaspar está fóra, mas tem o pai para garantir-lhe a honra. De madrugada ele andou fazendo seranato por aqui... Eu só não fiz um serviço nêle, por causa da doença da menina.

RITA- Santa Maria! Isso é que é uma rixa sem fundamento!

BALTAZAR- Eu só sei que duas vezes ele não canta. Não pense que o dinheiro dêle evita de voltar para o lugar de onde veio, com os ossos puidos, não!...

RITA- Creio em Deus Padre! Tomara Gaspar já chegue. Isso aqui está se tornando um inferno!

PEDRO - (entrando) Bom dia mestre Baltazar

BALTAZAR- Bom dia, Pedro. Que andas fazendo, capiloçadas, não é?

PEDRO - Inhor, não. Eu vou até Barreira Roxa.

RITA - Que vais fazer em Barreira Roxa, menino?

PEDRO - Ah!, então ainda não sabem?

BALTAZAR- Sabem o que, Pedro? Eu nunca ví saber de tanta novidade como você. Parece até o jornal aqui da praia.

PEDRO - Eu não mando o povo dizer. Olhe mestre Baltazar, estão falando que pras bandas de Barreira Roxa deu na praia uma baleia muito grande, e prá lá tem ido um povão, prá ver a bicha que está morta.

RITA - E sua mãe sabe que voce vai ver essa baleia?

PEDRO - Sabe o que, sinhá Rita. Se ela souber manje eu que vá lá porque a surra não é desse mundo.

BALTAZAR- Então é melhor voce não ir lá Filho que não respeita a vontade de sua mãe nunca é feliz.

PEDRO - Mas ela nem advinha. Eu digo que vou ajudar a Chico Per na Santa a pescar a rede de pescaria lá em Pirangi do Norte. Já estou acostumado a ir.

RITA - E perna Santa vai pescar hoje?

PEDRO - Sei lá.

- BALTAZAR - Vai não. Hoje é véspera de São Pedro, pescador não vai
pró mar.
- RITA - Olhe a mentira, que voce ia pregar a pobre da velha
- PEDRO - Não era mentira não sinhá Rita. Era apenas uma desculpa
pa prá ela não se zangá.
- BALTAZAR - Desculpa o que Pedro. Você não se pêka de andar com
trapalhadas, meu filho. Tome juízo. Veja que nem sempre
voce terá sua mãe para o defender e para lhe dar o bocado
para comer.
- PEDRO - Bem a conversa estava boa, porém mestre Baltazar já co
meça com seu larárá, e eu hoje não estou prá ouvir lada
inhas.
- RITA - Quem não tem bom pensar é assim mesmo.
- BALTAZAR - Deixe, sinhá Rita. Pau que nasce torto não há incho
que o indereite, morre torto.
- PEDRO - Também, mestre Baltazar oarece até um missionário, virge
conselho, água e moça só se dá a quem pede. Já chega de
tanta fala. Agora eu preciso é ir, ver a Baléia, até
logo. (sai correndo)
- RITA - Se Deus não tiver pena dêsse pobre, que será dele?
- BALTAZAR - Quando se esquece de um cristão, o mundo é quem se en
carregada de ensina-lo. Eu vou embora. Vou ver se dou
um coxilo. Esta noite não dormi nada por causa da doença
de Benvinda... Se ela tiver alguma coisa mande me chamar
Sinhá Rita. (sai)
- RITA - Coitado do rapaz. Tão bom, tão prestativo, sendo jurado
assim pelas costas sem dever nada, Baltazar quanto odeia
não sabe perdoar, fica parece bicho... credo em cruz.
(chegando) Bom dia dona Rita.
- VERANISTA - Bom dia moço, doutor.
- RITA - Como vai a nossa pombinha, soube que passou mal ontem?
- VERANISTA - É verdade, doutor. Mas já passou, Está melhor.
- RITA - Eu podia ve-la?
- VERANISTA - Eu acho melhor o sengor não vê doutor. Ela deve estar
dormindo, ontem passou a noite quase em claro.
- RITA - Não, eu entro sem barulho queria só ve-la.
- VERANISTA - Se o doutor concordasse eu ia peddir prá não querer ver
a menina.
- RITA - Que é que há dona Rita, está desconfiando de mim? Uma
visita a uma donete todo mundo faz.
- VERANISTA - Eu sei, doutor. eu sei... Venha mais tarde. Ela poderá
estar mais disposta, é melhor.
- BALTAZAR - Tolice, dona Rita. (tenta entrar)
(entrando) Alto lá, meu amigo. Sua conversa agora é co
migo.
- RITA - Virge Maria. (entra e fecha a porta)
- VERANISTA - Que é que o senhor quer comigo?
- BALTAZAR - Mocinho bom, voce, caridoso, prestativo, mas anda armado
de revolver, não é?
- VERANISTA - Andar armado não é defeito.
- BALTAZAR - Não converse muito, meu caro, se não quiser virar fumaça
já... já... Não sei fazer barinho a homem não. Sinhá Ri
ta... sinhá Rita...
- RITA - (Olhando para o doutor, para Baltazar para o homem)-Mas
que coração é êsse do senhor. Tem coragem de lubridiar
uma pobre viúva velha e uma inocente? Doutor, como o se
nhor consegue a esconder tanta maldade...



- BALTAZAR** - Sinhá Rita, Se fosse por mim eu sabia o castigo que essa peste, Mas como a ofensa pertence a você, deixo para você escolher o que devemos fazer Dêle...
- RITA** - (Pausa olha a todos)-Baltazar, eu compreendo - muito bem o mal que se esconde no coração dos homens. Sei bem tu me vi vingarias como eu quizesse. Mas eu prefiro que Deus seja quem de a êle a pena que merece, da mesma forma que salvou minha Benvinda na hora da desgraça. Deixa êle por ai, o destino tomará conta de sua perversidade...
- BALTAZAR** - (Pausa)-Está bem Sinhá Rita... Deixe êle continuar trazendo a infelicidade pelos ranchos dos pobres. Mas é assim que você quer, é assim que eu faço. Toma abênção a ela. Se não tu ias dar comigo um passeio naquele bote, e tomar um rancho no alto-mar... Vamos embora... até nisso êsse povo tem sorte... (Sai com o homem).
- RITA** - (Baixa a cabeça e vai entrando)-
- VERANISTA**- D. Rita, D. Rita, me perdôe. Eu lhe peço com tôda humildade, perdôe-me D. Rita. Mas deixe eu explicar uma coisa, D. Rita, é um instante só...
- RITA** - Será nôço doutor que o senhor acha explicação para o seu procedimento?
- VERANISTA**- D. Rita, O amor não escolhe casa para morar. Tanto vive no rancho, como nos meus palacetes. Tenho feito indignidade, D. Rita, confesso, Mas esta não era uma delas. Eu amo de Verdade Benvinda. Não pude conter o desejo de que ela fôsse minha... minha espôsa querida. Não consegui despertar nela o amor que fiz cirar em mim. Ela amava o seu Gaspar e tem por êle obsessão de fidelidade. Essa firmeza de caráter dela, ainda mais me fêz crescer a paixão. Cheguei a confessar-lhe tudo d. Rita mas Gaspar já estava eleito, não dava a substituição na sua estima.
- RITA** - (Pausa)-Já lhe perdoei doutor. Eu sabia que não me enganava, O senhor nunca me pareceu tão mau assim... Adeus doutor.
- VERANISTA**- Obrigado D. Rita. Mil vêzes obrigado. Parto para minha terra. Lá distante sofrerei a dor eterna do meu amor frustrado... adeus... (Beija a mão de Rita)- (Esta sai) É o tiro saiu pela culatra... e, por cima, ainda sai de anjinho para essa velha idiota... (Ri) Bem vamos marchar para outra. (Sai).
- BALTAZAR**- Sinhá Rita já vem por ali... Lá em cima despontou a vela do barco grande...
- RITA** - (Entrando)-Serão êles, mesmo, Baltazar?...
- BALTAZAR** - São êles sim... Não me engano nunca... Sou capaz de dizer de longe tôdos os barcos que entrarem. São êles... São êles.
- RITA** - Vou avisar à Benvinda...
- BALTAZAR** - Cuidado, Sinhá Rita, avise com cuidado... A menina não pode ter susto, foi o médico quem recomendou.
- RITA** - Está bem. (Entra em casa) (Povo começa a chegar na praia))
(Rita volta com Benvinda apoiada nela... Benvinda sorri sem forças, olha em direção a onde o barco vem, Benvinda fêz sinal para entrar). (Baltazar ajuda a puxar o barco para atracar, o primeiro a saltar é Gaspar, abraços vivas aclamações).
- BALTAZAR** - (Abraça a Gaspar.) Como se foi meu filho?
- GASPAR** - Fui muito bem, pai. Mas o negócio não foi lá muito fácil não... e não fôsse a gente, saber mesmo dominar êsse mar velho, nem a alma tinha escapado!...
- BALTAZAR** - E quando chegaram lá?...



GASPAR- Foi uma festa. O governo fez tudo pela gente. Até dinheiro deu.
/Foi bom, porque agora eu posso casar com Benvenida.

lhe uma casa de luxo. (ri). Cadê ela?

BALTAZAR- Está meio adocentada, não pode sair não.

RITA- (entrando)- Mas está deidinha, esperando lá dentro.

GASPAR- Oh, Sinhá Rita! Vêha de lá um abraço! (Abraça Rita).

RITA- Meninhô! Nem mesmo lá nos lugares grandes não aprendeste a ter juizo não? Vai te embora ver Benvenida que já deve estar impaciente...

GASPAR- Impaciente esteu eu!.. (Entra na casa. Os outros pescadores se confraternizam. Pouco depois, Gaspar aparece na porta, chorando, desolado).

RITA- Que é isto, Gaspar? O que foi que houve, meu filho?
Gaspar aponta a porta da casa, encosta-se ao esteio e continua chorando). Rita entra em cena, rápido. ESCURECE.

QUADRO.

AO SE FAZER LUZ, CRUZAM A CENA OS ACOMPANHANTES QUE VOLTAM VOLTAM DO ENTERRO DE BENVINDA, CABISBACHOS, SILENCIOSOS E / TRISTES. O ÚLTIMO A CHEGAR Á CENA É BALTAZAR; TIRA O CHAPÉU, DIANTE DA PORTA DA CASA DE BENVINDA E CHORA CONVULSIVAMENTE;

FIM



TÍTULO PRAEIRA DOS MEUS AMORES = PEÇA TEATRAL

PARECER

autor: Jaime dos G. Wanderley

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 anos, cond. ao ensaio geral

Obra teatral focalizando a vida, costumes e superstições dos pescadores nordestinos, mostrando, ainda, que, apesar de serem pessoas sofridas, estes não se deixam corromper por propostas vantajosas.

Por não conter maiores impropriedades, sugiro a liberação para maiores de 10 anos.

Brasília, 20 de março de 1972.

Genir de Azevedo Sousa
Genir de Azevedo Sousa

Téc. de Cens.



TÍTULO "PRAIEIRA DOS MEUS AMORES" Autor-Jaime dos G. Wanderley

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 (dez) anos

Condicionada ao ensaio geral

Peça abordando a vida simples e atribuída de uma vila de pescadores. Ressalta o espírito forte e destemido dos representantes dessa classe.

Obra já liberada por este Serviço com a classificação etária livre. Opino pela permanência do mesmo critério.

Brasília, 20 de março de 1972.

Hellé Prudente Carvalhêdo

De acordo: 10 anos

Em 22-3-72

upm tete

LIBERAR SE
na forma do parecer
Em 22/3/72
ROSENA NUNES

124



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091, p. 35

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 115/72

PEÇA " PRAIEIRA DOS MEUS AMORES "

ORIGINAL DE JAIQUE DOS S. WANDERLEY

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 22 de MARÇO de 19 77

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 12 de MARÇO de 19 72

PROIBIDO
PARA MENORES DE
10 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

M. J. - D. P. F. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091, p.36
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 50, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

" PRAIEIRA DOS MEUS AMORES "

Original de JAIME DOS G. WANDERLEY

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO ALBERTO MARAMHÃO

Tendo sido censurada em 20 de MARÇO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDO P/ MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADO**

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE / QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de MARÇO de 19 72

Paulo Lette de Lacerda
- PAULO LETTE DE LACERDA - SUBST.

MH

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 222

Data 27-3-72

Do Chefe da Seção de Censura - SCDP.

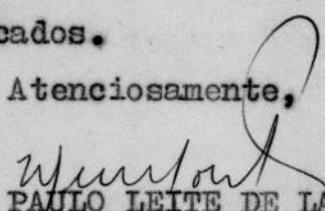
Para Chefe da TCDE/DR/RN.

Assunto: PEÇA TEATRAL- (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito vossas providências no sentido de que seja entregue ao interessado, SAN DOVAL WANDERLEY, residente à rua Professor Fontes Galvão, Cidade Alta, em Natal; a peça "PRAIEIRA DOS MEUS AMORES", em 2 (duas) vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

pl 
PAULO LEITE DE LACERDA
Ch. da S.C. - Subst.